

Aprendendo a ensinar coletivamente: A aprendizagem colaborativa na Musicalização Infantil da UFPB

Comunicação

Igor de Tarso Maracajá Bezerra
Universidade Federal da Paraíba
igor.detarso@gmail.com

Resumo: O presente artigo apresenta um projeto de pesquisa no qual objetiva-se identificar e compreender quais são as principais contribuições que a aprendizagem colaborativa utilizada no projeto de “Musicalização Infantil da UFPB na EEMAN” trouxe para a formação de ex-alunos do curso de Licenciatura em Música e que hoje atuam como professores em escolas de educação básica. Para este trabalho, apresentaremos uma breve revisão sobre o que a literatura tem a nos dizer sobre a aprendizagem colaborativa, bem como uma discussão geral sobre a temática central da pesquisa. Em seguida alguns direcionamentos metodológicos para a realização da mesma, tratando do rumo que a pesquisa tomará em paralelo com suas opções metodológicas e objetivos. Por fim, indicamos direcionamentos futuros da investigação, possíveis resultados esperados e algumas considerações finais.

Palavras chave: Aprendizagem colaborativa, Formação de professores, educação musical infantil

Introdução

A expressão “aprender a ensinar” é carregada de complexidade e leva-nos a refletir sobre como esse processo de desenvolvimento de habilidades docente pode ser trilhado pelo professor em formação. Dentro do caminho que se percorre até a conclusão do curso os alunos de licenciaturas ou pedagogia se deparam com diversas abordagens de ensino que contribuem para o que podemos chamar de identidade docente que, neste caso, está em plena formação durante a graduação.

Por vezes, estar sentado numa cadeira de sala de aula, escutando um professor falar por longos minutos quase sempre é enfadonho e desestimulante, por outro lado, planejar, discutir, atuar, refletir e trocar experiências é muito mais empolgante e encorajador. Em alguns casos, falta ao educador uma metodologia mais dinâmica a fim de melhor e envolver seus alunos no aprendizado, outras vezes falta estrutura para desenvolver certas propostas. Entretanto, não queremos aqui de forma alguma julgar qual a melhor abordagem de ensino para professores em

formação, mas salutar a importância de uma aprendizagem coletiva e colaborativa que potencializa a formação de futuros profissionais da educação.

Aos poucos, métodos *teacher-dominated* estão cedendo espaço para metodologias de aprendizagem ativa, nas quais o aluno constrói o conhecimento junto ao professor e colegas, muitas vezes através da prática. A aprendizagem colaborativa ou aprendizagem por pares é um exemplo deste modelo de construção de conhecimento. Segundo Torres et al.:

A aprendizagem colaborativa parte da ideia de que o conhecimento é resultante de um consenso entre membros de uma comunidade de conhecimento, algo que as pessoas constroem conversando, trabalhando juntas direta ou indiretamente e chegando a um acordo (TORRES; ALCANTARA; ILARA, p. 3, 2004)

Para Gerlach (1994 apud RUBIN et al., p. 2, 2015) "[estes] ambientes de aprendizagem têm muitas vantagens para o desenvolvimento intelectual e social dos alunos". Assim, aprender em conjunto torna-se mais atrativo e eficiente.

Além de aulas que promovam maiores interações grupais através da prática existem outras possibilidades nas quais alunos de universidades também podem encontrar oportunidades de troca de experiências e maior vivência docente: os projetos de extensão universitária. Tais projetos visam, entre outras coisas, aproximar o discente de uma determinada prática e através deles muitos alunos adquirem experiências enriquecedoras para sua formação.

Assim, foi através de um projeto de extensão a "Musicalização Infantil da UFPB" que vários educadores musicais da Paraíba que hoje atuam dentro âmbito escolar tanto público como privado, tiveram a oportunidade de ampliar suas experiências docentes a partir de discussões, reflexões, planejamentos e regências de aulas de música.

O projeto teve início em 2010 e objetivava oferecer aulas de musicalização infantil para bebês e crianças e desenvolver um laboratório-escola para formação de educadores musicais especializados no atendimento à infância, através do envolvimento de alunos dos cursos de música nas aulas de musicalização infantil. Uma das bases dessa ideia é o processo de aprendizagem que se instaura a partir da interação entre seus atores, entre os professores mais experientes e os professores em formação. Assim, os grupos formados por estes professores têm a possibilidade ímpar de fomentar atividades coletivas pautadas no diálogo e na reflexão de suas

práticas e de sua formação acadêmica, buscando aperfeiçoar cada vez mais as aulas de musicalização infantil (LEMI, 2014).

Portanto, este projeto de pesquisa surge como resultante de uma das inquietações decorrentes da minha trajetória dentro do projeto “Musicalização Infantil da UFPB” coordenado pela Professora Ms. Caroline Brendel Pacheco, o qual enquanto discente fui bolsista durante três anos e que faço parte até hoje como colaborador. Questionamentos esses que permeiam sobre a curiosidade de saber quais as contribuições que a troca de experiências com colegas de diferentes níveis de formação trouxe para minha formação e atuação profissional. Além disso, busco dar continuidade ao trabalho que foi premiado no XVII Encontro de Iniciação à Docência da UFPB no ano de 2015, que buscou compreender como se dava a aprendizagem colaborativa dentro da “Musicalização da UFPB”.

Desse modo, a partir desse trabalho e dos questionamentos citados nasceu o tema central desse projeto de pesquisa que visa entender quais as reais contribuições que a aprendizagem colaborativa (peer teaching) utilizada na Musicalização Infantil da UFPB trouxe para a atuação profissional dos professores de música que passaram por esse projeto de extensão.

Aprendizagem colaborativa: conceitos, contexto histórico e relação com a educação musical

Vivenciar uma prática docente entre pares e ainda poder trocar informações, experiências, conhecimentos e reflexões na construção do processo de aprendizagem ultrapassa as fronteiras do ensino tradicional e nos aparenta ser uma forma bem recente de ensino. No entanto, desde do século XVIII esta forma de aprender a ensinar vem sendo estudada e desenvolvida por teóricos, pesquisadores e educadores que a chamaram de aprendizagem colaborativa.

Segundo Torres, Alcantara e Ilara (2004) o processo de ensino e aprendizagem por colaboração tem uma trajetória longa e vem desde do final do século XVIII com os estudos do professor George Jardine, entre os anos de 1774 a 1826. Através do ensino de formas de comunicação de trabalhos em grupo e técnicas de produção textual por colaboração, George Jardine pretendia tornar seus alunos aptos à plena participação na sociedade (GAILLET, 1994).

Mais para frente, no final do século XIX, passa a ter maiores proporções e atrair a atenção de milhares de educadores no mundo inteiro, a partir da implementação da aprendizagem em grupo promovida em escolas públicas dos Estados Unidos pelo superintendente de escolas públicas Coronel Francis Parker. A escola de Parker foi um exemplo na implementação da aprendizagem colaborativa dentro do país no âmbito educacional, vários educadores se dirigiam até ela para poderem assistir a aprendizagem cooperativa de perto (TORRES; ALCANTARA; ILARA, p. 7, 2004).

No começo do século XX, o movimento da Escola Nova foi uma importante influência para a aprendizagem colaborativa, embasado por teorias de educadores como John Dewey, Maria Montessori e Lev Vygotsky, e ganhou força no cenário educacional mundial entre as décadas de 1920 a 1950. Entretanto, apenas na década de 1990 a aprendizagem colaborativa ganha popularidade entre educadores do ensino superior. Os professores David e Roger Johnson e Karl Smith, adaptam a aprendizagem cooperativa para a sala de aula de faculdades e escrevem “Aprendizagem Ativa: Cooperação na Sala de Aula Universitária” (TORRES, ALCANTARA, ILARA, 2004, p. 7-9).

Portanto, temos o que chamamos hoje de aprendizagem colaborativa como uma proposta que considera a interação como base da aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo. Influenciada pelas ideias de Vygotsky, a aprendizagem colaborativa é um processo pelo qual os alunos interagem em grupos para promover o seu próprio aprendizado (ROSA, p. 31, 2012).

Segundo Louis e Catherine (2015, p.2) a ideia de ensino colaborativo entre pares é apoiada por três perspectivas teóricas: a abordagem cognitiva, motivacional e social. Para os autores a abordagem cognitiva concentra-se em estratégias de processamento da informação, a motivacional está preocupada com a forma que a aprendizagem é iniciada e sustentada, e a perspectiva social refere-se ao ambiente mais propício à aprendizagem que é o diálogo caracterizado pela interação e cooperação (LOUIS, CATHERINE, 2015, p. 2).

Na aprendizagem colaborativa as estratégias pedagógicas são centradas na construção do conhecimento e na colaboração entre os pares, colaboração esta que não visa a uma uniformização, já que respeita os alunos como indivíduos diferentes, que na heterogeneidade produzem e crescem juntos (TORRES, ALCANTARA, ILARA, 2004, p. 12).

Aproximando nossas reflexões da área propriamente musical, cabe lembrar que atualmente muitos trabalhos nos mostram a preocupação que diversos professores de música estão tendo com o aprendizado de seus alunos, promovendo uma aprendizagem do modo ativo e colaborativo em áreas distintas da música como: educação musical, educação musical a distância, ensino do instrumento, prática de conjunto, etc. (Joly; Joly, 2011; ROSA, 2012; FICHEMAN, 2002; MOURA, 2009).

As pesquisadoras Maria Carolina Joly e Ilza Joly, em seu trabalho sobre as práticas coletivas em uma orquestra comunitária no ano de 2011 ressaltam que:

Os processos educativos que se dão no convívio de um grupo heterogêneo contribuem para a formação pessoal e social de seus participantes, educando e sensibilizando cada um através da convivência, e que os processos educativos decorrentes dessa convivência são fatores de transformação constante. (JOLY, 2011, p. 88)

Destarte, relacionar a música com a aprendizagem colaborativa se torna fácil quando compreendemos o conceito. Em grande parte das relações de ensino-aprendizagem musicais existe a possibilidade da troca de experiências entre os indivíduos, no entanto dentro de nossa área ainda existe bastante conservadorismo o que afasta toda prática inovadora de aprendizado que busque maneiras mais ativas e colaborativas de aprender. Por vezes falta formação desde a graduação, daí a importância de reestruturação dos currículos e de programas de extensão universitária que promova acesso a essas áreas.

O Laboratório de Educação Musical Infantil da UFPB: um espaço de colaboração

O Projeto “Musicalização Infantil da UFPB”, proposta pioneira no estado da Paraíba que visou desenvolver atividades relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão na área de educação musical infantil. Desde o início das atividades, no ano de 2010, os integrantes vêm promovendo sistematicamente atividades relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão na área de educação musical infantil. Com a consolidação da equipe que almejava dar continuidade a esse trabalho a professora Ms. Caroline Brendel Pacheco, coordenadora do projeto, criou o Laboratório de Educação Musical Infantil da Paraíba (LEMI), buscando um espaço físico que proporcionasse aos

interessados nos estudos e atuação na área de educação musical infantil um maior suporte material e acadêmico.

De lá pra cá o LEMI tem possibilitado uma formação docente de qualidade para os alunos de Música. A consolidação das ações desenvolvidas também tem sido possível graças a uma equipe reflexiva e comprometida, formada por graduandos da UFPB, docentes da própria instituição e também por docentes da rede de educação básica pública e privada.

Atualmente o LEMI passou por mudanças e hoje não só atua com o projeto de musicalização infantil que existia no início. Agora, desenvolve-se dentro do laboratório o projeto de descentralização que busca ampliar os horizontes da formação dos professores e aumentar o público infantil de nossa cidade que tenha contato com a educação musical.

O carro chefe do laboratório a “Musicalização Infantil” cruzou os muros da universidade e foi instalada na Escola Estadual de Música Anthenor Navarro (EEMAN), na qual pôde-se atender um maior número de crianças e possibilitá-las melhores estruturas físicas, a partir daí passou-se a chamar “Musicalização Infantil da UFPB na EEMAN”. Além disso o projeto de descentralização também tem levado a educação musical infantil a Casa da Criança com Câncer e a Escola de Educação Básica da UFPB. Para tanto os pilares de todas as atividades objetivam (i) oferecer atividades de educação musical para bebês e crianças até seis anos de idade, e (ii) desenvolver um laboratório-escola para formação de educadores musicais especializados no atendimento à infância.

Contudo, para este estudo buscaremos focar nossa atenção apenas para as atividades desenvolvidas na “Musicalização Infantil da UFPB” enquanto atuava dentro da universidade e quando migrou para a escola de música do estado.

A Musicalização Infantil da UFPB na EEMAN

Apesar das atividades estarem direcionadas para o público infantil, as famílias das crianças também são participantes ativas, especialmente porque todas as dinâmicas oferecidas para crianças com idade até três anos devem ser acompanhadas por pais e/ou cuidadores. As turmas de crianças são organizadas de acordo com a faixa etária, são formadas por aproximadamente

15 alunos que são orientados por, no mínimo, 2 professores com diferentes níveis de experiência, possibilitando assim a troca de experiências entre os pares.

Por isso, caracterizamos o uso da aprendizagem colaborativa por pares como uma abordagem desde sempre utilizada no projeto, uma vez que possibilita a interação de educadores musicais com diferentes níveis de experiência na área da infância, com futuros educadores musicais. Ampliando assim o espaço de prática de ensino dos alunos da Licenciatura em Música, bem como as possibilidades de diálogo entre os conhecimentos de docentes experientes e iniciantes. A partir dessa convivência de aprendizado mútuo surgiram discussões bastante saudáveis e reflexões muito ricas que são responsáveis pelo crescimento profissional de todos os envolvidos neste processo.

Além do instante na sala de aula propriamente dita, existem também dois momentos muito importantes em que a interação entre os professores traz contribuições salutares para a prática docente dos envolvidos: a construção dos planejamentos e o registro dos diários de bordo. Portanto, ao final desse processo existem três possibilidades distintas de aprendizado em conjunto: Planejamento das aulas, Regência das aulas e Diários de bordo.

Planejamentos semanais

Os encontros com os participantes do projeto ocorrem sempre semanalmente. Um deles ocorre as quartas-feiras pela manhã e reúne os alunos-professores sendo reservado para discussões sobre musicalização e sobre propostas pedagógicas para o trabalho com crianças pequenas. Além disso, neste momento são elaborados os planos de aula.

Diálogo, sugestões, discussões, troca e escolha de repertório, ensaios são alguns dos pontos que compõem esse encontro, responsável pela preparação das aulas. As trocas de conhecimentos que partem das vivências de cada um servem como agregador de valores e saberes que somam à bagagem docente que cada um traz consigo.

Ocasionalmente, o professor mais experiente traz suas ideias que algumas vezes parecem estar engessadas pelo tempo, mas que têm a garantia do êxito em sua execução na sala de aula, no entanto o menos experiente olhando para esta ideia traz de sua vivência uma sugestão capaz de remodelar o proposto anteriormente dando "um novo ar" para a atividade. Assim observando esse pequeno exemplo podemos visualizar a importância da colaboração entre os pares no

planejamento e o crescimento profissional que esta oportunidade traz para ambas as partes. Assim como afirmam os autores:

É no processo de gestão destas atividades [planejamentos, discussões, reflexões, etc.] que os componentes do grupo se organizam, repartem papéis, discutem ideias e posições, interagem entre si, definem subtarefas, tudo isso, dentro de uma proposta elaborada, definida e negociada coletivamente (TORRES, ALCANTARA, ILARA, 2004, p. 9).

Regência das Aulas

O segundo encontro ocorre nos sábados pela manhã. Neste momento recebemos as crianças para as aulas de música. Aqui a interação entre alunos-professores ocorria de forma mais discreta, porém muitíssimo rica, porque possíveis intervenções não poderiam ser tão alarmantes ao ponto de influir na aula, mas na medida necessária para reajustar uma metodologia, por exemplo.

Além disso, o fato de estar inserido na aula observando e participando daquele momento é de grande valia para o professor iniciante, pois este passa a ter uma visão da prática da docência, podendo além de enxergar o mais experiente, por vezes assumir determinados momentos da aula colocando em prática, aos poucos, toda bagagem até o momento acumulada.

Diários de bordo

Sempre após o final das aulas há um tempo disponível para refletir sobre o que havia acontecido naquele dia: o que deu certo, o que não saiu como planejado, o que necessitou de intervenção, os improvisos necessários, quais respostas das crianças chamaram atenção, quais crianças não participaram como esperado, etc., sendo tudo isso sempre registrado em um diário de bordo.

Uma oportunidade ímpar de avaliar tudo o que havia acontecido a pouco tempo na sala de aula, pautada na reflexão e no debate sobre os procedimentos metodológicos acertados ou não e sobre as respostas das crianças às atividades junto aos seus cuidadores - quando presentes na aula.

Poder refletir e conversar a respeito do que ocorreu durante a aula gera um aprendizado que julgamos desenvolver uma maturidade construída através da crítica sobre sua própria

prática e de sua equipe. Ao analisar seus “erros” e “acertos” o professor pode refletir a respeito de novas possibilidades que agregam à bagagem de cada um, além de contribuir para sua análise da ação e para formular novas respostas quando o mesmo precisar reformular suas ideias durante uma aula.

Por fim, levando em conta a relevância da aprendizagem colaborativa para a formação de professores de música e a estreita relação existente entre os participantes da Musicalização da UFPB, além de questionamentos e inquietações pessoais, construí a questão problema desta pesquisa: “Como a aprendizagem colaborativa utilizada no projeto “Musicalização Infantil da UFPB” contribuiu para a formação de ex-alunos do curso de licenciatura em música da UFPB que participaram do projeto e que atuam no cenário da educação musical em João Pessoa-PB?”

Desenhando caminhos metodológicos

A pesquisa busca investigar quais as contribuições que a aprendizagem colaborativa utilizada no projeto “Musicalização Infantil da UFPB” trouxe para a formação de ex-alunos do curso de licenciatura em música da UFPB que participaram do projeto e que atuam no cenário da educação musical em João Pessoa-PB. Para isso, a pesquisa será realizada com professores de música formados que passaram pela Musicalização Infantil da UFPB enquanto alunos e que hoje atuam como profissionais da área.

Para tanto, diante do objetivo desse trabalho o caracterizamos como uma pesquisa de abordagem qualitativa, posto que busca a compreensão, a interpretação sobre certo fenômeno, em vez da explicação (QUEIROZ, 2006; PENNA, 2015, p. 100). Além disso está voltada para compreender e interpretar, em lugar de comprovar, buscar conhecer uma realidade particular em profundidade (PENNA, 2009, p.8).

A partir disso, desenvolverei um estudo multi-caso com seis professores de música formados e ex-participantes do projeto de Musicalização Infantil da UFPB, buscando ouvir suas visões sobre a questão central dessa pesquisa: a aprendizagem colaborativa no projeto de extensão citado. Para Penna (2015) “os estudos de caso mostram-se, como uma alternativa adequada e produtiva para investigar diversos fenômenos pedagógicos, quando os problemas/questões de pesquisa estão voltados para conhecer e analisar uma situação educativa existente”. Logo, ao utilizar o estudo de multicascos, podemos examinar vários casos em sua

particularidade e complexidade, de modo aprofundado e considerando os elementos contextuais (PENNA, 2015, p. 107) justificando nossa escolha por esta estratégia metodológica. Penna (2009) completa afirmando que o estudo de caso ou multi-caso é bastante indicado para conhecer de forma mais completa uma unidade bem delimitada, mostram-se, portanto, adequado para investigar diversas situações pedagógicas.

Buscando atingir estes objetivos, serão utilizadas algumas estratégias de coleta de dados, que quando somadas, poderão gerar dados mais consistentes a respeito das contribuições que a aprendizagem por pares tem trazido para os professores. Assim, inicialmente e durante todo processo de construção da pesquisa estaremos utilizando a pesquisa bibliográfica como meio de aprofundamento nos temas de aprendizagem colaborativa, educação musical e formação de professores de música, de forma que gere melhor conhecimento para um diálogo mais frutífero e relevante para com a pesquisa em geral.

Para que se obtenha dados preliminares a respeito do conhecimento dos pesquisados sobre o tema e que se conheça um pouco mais sobre cada um deles será realizado um questionário. O mesmo também servirá como norteador para a estruturação de uma futura entrevista, de forma que possamos ter um guia que possa atingir os pontos cruciais que se desejam atingir com a pesquisa.

Objetivando chegar a opiniões pessoais e mais substanciais acerca da aprendizagem colaborativa por parte dos professores a entrevista torna-se uma técnica de obtenção de dados importante, pois através dela os pesquisadores buscam coletar dados de caráter objetivos e subjetivos, sendo que os subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Os critérios utilizados para a seleção dos participantes da pesquisa foram os seguintes: i) professores de música graduados; ii) participantes ou ex-participantes do projeto “Musicalização Infantil da UFPB”; iii) atuantes no cenário de educação musical do estado; iv) possuidores de tempo para realização da coleta; v) que sejam voluntários a contribuir para a pesquisa livremente.

Para tal, tendo em vista os padrões éticos da pesquisa, todos os participantes terão que assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual poderão observar, os objetivos da pesquisa e como será realizada, além de reassumindo seu voluntariado diante da pesquisa.

Aonde chegar...

A aprendizagem ativa tem uma história longa a partir do diálogo de Sócrates, passa pelo aprofundamento da reflexão de Dewey (1930), e pelo método de descoberta de Bruner (1960). Dessa forma, aos poucos a ideia de envolver os alunos na sua aprendizagem, em vez de receber passivamente informações de um instrutor, tem sido considerada a essência da educação (LOUIS, CATHERINE, 2015, p. 1). Consciente da crescente conscientização dos benefícios trazidos pela aprendizagem colaborativa para a formação de educando em geral, este trabalho busca focar sua atenção em um determinado espaço que utiliza da colaboração entre pares para gerar conhecimento mútuo, desejando ampliar os conhecimentos sobre esta prática de aprendizagem e difundir o conhecimento sobre esta temática.

Tendo em vista a falta de oportunidades dentro da grade curricular do curso de licenciatura em música este trabalho deseja despertar na comunidade acadêmica do campo da educação musical o interesse e a consciência da importância desse método de ensino para a formação de futuros educadores musicais. Pois segundo Souza (1997):

A formação do futuro profissional em música, nos cursos de Licenciatura, não condiz com a realidade que ele vai encontrar nas escolas e que por isso é preciso mudar e inovar. Há indícios já suficientemente seguros de que a Universidade está preparando de uma forma diferente do que se precisa lá fora (Souza, 1997, p. 19).

Sabemos da dificuldade de se montar um currículo de formação de professores e compreendemos a complexidade existente nesse processo. Entretanto, precisa-se que as necessidades sejam postas às claras para que assim busquem-se as possíveis soluções, como por exemplo com a abertura projetos de extensão que colaborem para a melhor formação dos discentes.

Portanto, torna-se salutar uma pesquisa que trate sobre este projeto de extensão que por anos tem contribuído para a formação de tantos professores de música que estão atuando no estado da Paraíba.

Logo, desenvolver um trabalho que se debruce sobre três temáticas significativas (aprendizagem colaborativa, educação musical infantil e a formação de professores de música) que estão em evidência dentro da academia e que ao mesmo tempo estão se mostrando pouco atendidas na comunidade da educação musical da PB, nos aparenta ser de suma importância pois contribuirá para a difusão de conhecimento sobre os temas supracitados.

Referências

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BROOCK, Angelita Maria Vander. *Crianças na Universidade?*. In: ILARI, Beatriz; BROOCK, Angelita (org). **Música e Educação Infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 2013. p. 142-166.

FICHEMAN, Irene. **Aprendizagem Colaborativa a Distância Apoiada por Meios Eletrônicos Interativos: um estudo de caso em educação musical**. São Paulo: USP, 2002. 137f. 2002. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Engenharia). Programa de Pós-Graduação em Engenharia, Universidade de São Paulo.

GAILLET, L. L. **A historical perspective on collaborative learning**. Disponível em: <<http://www.cas.usf.edu/JAC/141/gaillet.html>> Acesso em: 25 abr. 2017.

JOLY, Maria Carolina Leme; JOLY, Ilza Zenker Leme. Práticas musicais coletivas: um olhar para a convivência em uma orquestra comunitária. **Revista da ABEM**, Londrina, V.19, N.26, 79-91, jul-dez 2011.

LEMI. Musicalizando crianças pequenas: a Musicalização Infantil da UFPB e suas possibilidades de ação. **Projeto de PROLICEN**, UFPB. 2014

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

MOURA, Risaelma de Jesus Arcanjo. Ensino coletivo de violão: possibilidades para a aprendizagem colaborativa e cooperativa em EAD. **RENOTE**, v. 7, n. 2, 2009.

PENNA, Maura. A pesquisa científica e sua prática na área de educação musical. **V Fórum de pesquisa em música da Escola de música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**. Natal, 2009.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: perspectivas para o campo da etnomusicologia. **Revista Claves**, João Pessoa, n. 2, p. 87-98, nov. 2006.

ROSA, Amélia Martins Dias Santa. O processo colaborativo no musical “com a perna no mundo”: identificando articulações pedagógicas. 2012. **Tese (Doutorado em Música/Educação Musical)** - Universidade Federal da Bahia, Bahia.

RUBIN, Lois, HEBERT, Catherine. Model for active learning. **College Teaching**. Winter98, Vol. 46 Issue 1, p26. 5p. 2015.

SOUZA, Jusamara. Da formação do profissional em música nos cursos de licenciatura. In: **Seminário sobre o ensino superior de arte e design no brasil**, 1., 1997, Salvador. *Anais...* Salvador: Comissão de Especialistas de Ensino de Artes e Design, 1997. p. 13-19.

TORRES, Patrícia Lupion; ALCANTARA, Paulo R.; IRALA, Esrom Adriano Freitas. Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensinoaprendizagem. **Revista Diálogo Educacional**, Paraná, v. 4, n. 13, p. 1-17, 2004.